



Organizadoras

Patricia Rivoire Menelli Goldfeld
Katya de Azevedo Araújo

PSICANÁLISE

Cidades alagadas, mentes inundadas

Blucher



SBP de PA
Sociedade BRASILEIRA de
Psicanálise de Porto Alegre



CIDADES ALAGADAS, MENTES INUNDADAS

Organizadoras

Patricia Rivoire Menelli Goldfeld

Katya de Azevedo Araújo

Cidades alagadas, mentes inundadas

© 2025 Patricia Rivoire Menelli Goldfeld e Katya de Azevedo Araújo (*organizadoras*)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Ana Cristina Garcia

Preparação de texto Márcia Leme

Diagramação e capa Juliana Midori Horie

Revisão de texto Equipe de produção

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico*
da Língua Portuguesa, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Cidades alagadas, mentes inundadas / organizado-
ras Patricia Rivoire Menelli Goldfeld, Katya de Aze-
vedo Araújo. – São Paulo : Blucher, 2025.

424 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2634-5 (Impresso)

ISBN 978-85-212-2629-1 (Eletrônico - Epub)

ISBN 978-85-212-2630-7 (Eletrônico - PDF)

1. Psicanálise. 2. Trauma. 3. Escuta psicanalítica. 4.
Clínica psicanalítica. 5. Assistência psicanalítica em
emergências. I. Título. II. Goldfeld, Patricia Rivoire
Menelli. III. Araújo, Katya de Azevedo.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Sobre as organizadoras

Patricia Rivoire Menelli Goldfeld

Médica psiquiatra. Psiquiatra forense pela Associação Brasileira de Psiquiatria e psicanalista Membro Pleno com função didática e atual Presidente (gestão 2024-2025) da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), instituição vinculada à International Psychoanalytical Association (IPA). Desde 2023 está em formação em psicanálise psicossomática na IPSO-Paris. Graduada em Medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com três anos de Residência Médica em Psiquiatria pela UFRGS e especialização em Criminologia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC). Mestre em Ciências Médicas: Psiquiatria pela UFRGS e Doutora em Ciências da Saúde: Cardiologia e Ciências Cardiovasculares também pela UFRGS. Realizou pós-doutorado no Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da UFRGS. É ex-Diretora Geral do Instituto Psiquiátrico Forense Maurício Cardoso (jul. 2015 a fev. 2019). Trabalhou durante 27 anos como Médica de Perícia e Análise, no mesmo Instituto, realizando perícias forenses e atendimento psiquiátrico. Foi Diretora de Relações com a Comunidade da SBPdePA nas gestões 2012-2013 e 2014-2015. Foi Diretora Científica da mesma sociedade

na gestão 2016-2017. Fez parte da Comisión de Investigación da Federación Psicanalítica da América Latina de 2013 a 2017. Participou do corpo editorial da revista *Psicanálise* da SBPdePA, de 2014 a 2017. Foi Diretora de Comunicações da SBPdePA e Editora da revista *Psicanálise*, da mesma Sociedade, na gestão 2018-2019. Foi também Coordenadora de Seminários da Diretoria do Instituto de Psicanálise da SBPdePA, gestão 2020-2021.

Katya de Azevedo Araújo

Psicóloga, psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Coordenadora do Espaço Criar – Estudo e Atendimento Psicanalítico. Diretora de Publicações da SBPdePA (gestão 2024-2025).

Sobre os autores

Aline Santos e Silva

Psicóloga pela UFRGS. Psicanalista. Membro do Instituto da SBPdePA. Membro egresso Itipoa – Psicanálise e Criatividade, com formação em psicoterapia psicanalítica de adultos, e do NIA (infância e adolescência). Coordenadora de seminário e supervisora Itipoa – Psicanálise e Criatividade. Coautora dos livros *Psicanálise e Criatividade* e *Psicanálise do PertenSer*.

Astrid Elisabeth Müller Ribeiro

Psicóloga e psicanalista. Membro titular e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA). Ex-presidente da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. Ex-presidente da SBPdePA.

Augusta Gerchmann

Psicóloga pela PUC-RS. Especialista em Diagnóstico Psicológico pela PUC-RS e em Psicologia Clínica pelo CFP. Membro Titular em função didática pela SBPdePA. Membro Pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre. Docente convidada no Instituto de Ensino Pesquisa em Psicoterapia (IEPP). Docente convidada no

Itipoa – Psicanálise e Criatividade. Publicações em livros e revistas nacionais e internacionais. Diretora de Biblioteca e Publicações pelo Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA) (2001-2002). Diretora de grupos de estudo e relações com a comunidade (2003-2004). Secretária Auxiliar do Departamento de Publicações e Divulgação Febrapsi (2005-2007). Diretora do Departamento Científico do CEPdePA (2011-2012). Diretora da Escola de Psicanálise do CEPdePA (2013-2014). Coordenadora da Subcomissão de Formação do Instituto de Psicanálise da SBPdePA (2014-2015). Secretária do Instituto de Psicanálise da SBPdePA (2018-2019). Diretora Administrativa da SBPdePA (2022-2023).

Aurinez Rospide Schmitz

Psicóloga pela PUC-RS. Psicanalista – Membro do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Mestre em Ciências Médicas: Psiquiatria pela UFRGS. Especialista em Psicologia Clínica pelo Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia Psicanalítica (IEPP), Especialista em Psicologia do Trânsito pelo CFP, Membro da Diretoria da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul (gestão 2007-2009), Supervisora Clínica do Espaço Criar, Membro do corpo docente do Instituto Contemporâneo, Docente em cursos profissionalizantes da área do Trânsito, coautora de capítulos de livros de Psicanálise e Psicologia do Trânsito.

Carmem Cabral Scherer

Psicóloga e Psicanalista. Especialista em Psicologia Clínica e Membro do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

Christine Nunes

Psicóloga pela Unisinos-RS. Psicoterapeuta da Infância e Adolescência pelo Centro de Estudos Atendimento e Pesquisa da Infância

e da Adolescência (CEAPIA). Psicanalista, membro associada da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) e membro convidada da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA). Coordenadora do Núcleo Comunidade e Cultura da SPRJ (gestão 2020-2021). Diretora da Comissão Científica da SPRJ (gestão 2022-2023). Idealizadora e coordenadora do projeto social “Livros no Tata-me”, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre, projeto premiado pela IPA na Cultura/2021. Experiência em atendimento a refugiados e voluntários diante da invasão da Rússia à Ucrânia e a vítimas acolhidas em abrigo das inundações em Porto Alegre (2024).

Cristina Lindenmeyer

Psicanalista, membro e diretora científica da Associação Psicanalítica da França (APF), Professora titular de Psicopatologia e Psicanálise na Universidade Sorbonne Paris Nord.

Responsável do grupo de pesquisa “Saúde, digital e IA” do Centro Internet et Société du CNRS (Centro Nacional de Pesquisa Científica). Diretora da revista *Corps & psychisme*. Autora do livro *Os impasses do feminino* (2023).

Denise Haeberle

Psicóloga e psicanalista. Membro pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA). Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA). Supervisora e coordenadora de seminários e grupos de estudos em psicanálise. Atendimentos individuais, casais, famílias e adoções.

Denise Zimpek Teixeira Pereira

Psicóloga pela PUC-RS. Psicanalista individual de casais e famílias. Membro titular com função didática, membro do Núcleo de Vínculos e vice-presidente da SBPdePA (gestão 2024-2026). Membro fundadora, diretora científica, docente e supervisora da Associação de Psicoterapia

Psicanalítica (Gaepsi). Membro da Comissão de Psicanálise de Casal e Família da Febrapsi. Coautora dos livros *Criando crianças; Transgeracionalidade: de escravo a herdeiro* e *Por que psicanálise vincular?*. Organizadora do livro *O eu e o isso: um século de ressonâncias*.

Gabriela Alves Morsch

Psicóloga e psicanalista. Membro do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA). Mestranda em Psicanálise pela Universidade Kennedy de Buenos Aires-AR.

Heloisa Zimmermann

Médica pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Residência em Psiquiatria no Hospital de Clínicas de Porto Alegre – UFRGS. Residência em Psiquiatria da Infância e Adolescência no Hospital de Clínicas de Porto Alegre – UFRGS. Psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) filiada à International Psychoanalytical Association (IPA). Diretora de Divulgação da SBPdePA. Host do Podcast *SBPdePA Cast*. Coordenadora do Núcleo de Infância e Adolescência da SBPdePA.

Jeanete Suzana Negretto Sacchet

Psicóloga e psicanalista. Especialista em Psicodiagnóstico pela PUC-RS. Docente e Supervisora na Fundação Universitária Mário Martins (FUMM). Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), Membro do Corpo Clínico da FUMM. Criadora e responsável pelas Memórias da SBPdePA e FUMM. Integrante da Comissão do *Jornal da SBPPA*. Integrante da coordenação do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) da SBPdePA.

Julio Moreno

Médico e Doutor em Medicina. Foi membro titular do CONICET e pesquisador de pós-doutorado (*Posdoctoral Research Fellow*) do

NIH por quatro anos na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA). Membro Titular com função didática da Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires (APdeBA). Autor dos livros *Ser humano* (Ed. del Zorzal, 2002), *Tiempo y Trauma* (Lugar, 2010), *La infancia y sus bordes* (Paidós, 2014), *How We Become Human* (Rowman & Littlefield, 2014), *El Psicoanálisis Interrogado* (Lugar, 2016) e *Elogio a Cierta Ignorancia* (Letra Viva, 2020). Em 2017, recebeu o prêmio “Sigourney Award” por sua relevante contribuição à psicanálise.

Leonor Guiramand

Diplomada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Diplomada pela Universidade Paris X – “M.Sc., Master of Science Wine Management & Marketing” – O.I.V., Paris, França. Ouvinte livre dos Ciclos de Seminários e Conferências (2023-2024-2025) da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), França. Master 2 de «Psychologie Psychanalyse-Santé-Travail» (2025-2026) no Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM), Paris, França.

Leticia Casagrande

Psicóloga e psicanalista, Membro do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA). Especialista em Psicoterapia Psicanalítica para Adultos pelo Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinariedade. Pós-graduada em Psicanálise Contemporânea pela Universidade de Santa Cruz do Sul. Supervisora clínica.

Lírión Scheuermann da Roza

Psicóloga e psicoterapeuta, Membro associada do Gaepsi – Associação de Psicoterapia Psicanalítica.

Marcela Pohlmann

Psiquiatra e psicanalista, Membro do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), Supervisora FUMM.

Coordena seminários no ITIPOA e no Contemporâneo Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade (CIPT).

Margareth Regadas

Psicóloga. Psicanalista em formação pela Sociedade Psicanalítica de Fortaleza. Especialista em Psicoterapia Psicanalítica pela Faculdade Farias Brito. Coautora da antologia *As faces da frustração; Quando o corpo fala e a alma se cala: frustração na travessia da menopausa*.

Maria Arleide da Silva

Doutora e Mestre em Saúde Materno-infantil pelo Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira. Psicanalista, Membro Titular e Analista Didata pela Sociedade Psicanalítica do Recife. Psicóloga, Especialista em Psicologia Clínica. Experiência docente: graduação em Psicologia, Especialização, Mestrado *Stricto sensu* e profissionalizante. Pesquisadora, Orientações de Doutorado e Mestrado; Artigos e Capítulos de livros publicados. Diretora do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica do Recife, biênios 2019-2020, 2021-2022 e, atualmente, 2025-2026.

Marta Maria Assumpção Rodrigues

Psicanalista com formação pelo Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP) de São Paulo. Membro da Rede de Atendimento Psicanalítico – Clínica do CEP, Ph.D. pela University of Notre Dame. Professora aposentada da Universidade de São Paulo (USP). Autora de diversos livros e artigos publicados, sendo os mais recentes “Sobre as pestes, o desamparo e o desgoverno” e “Teoria dos Campos e o dilúvio” (no prelo), ambos pela *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*.

Marta Meneghello Müller Stumpf

Psicóloga. Psicoterapeuta psicanalítica especialista em infância, adolescência e psicanálise das configurações vinculares. Especialista em

Inclusão da Pessoa com Deficiência. Psicanalista, membro do Instituto da SBPdePA. Supervisora do Instituto Horizontes. Docente convidada da Enlace Piracicaba e do ITIPOA. Organizadora do livro *Cabeça de Medusa*.

Morgana Mengue Saft Tarragó

Psicóloga e psicanalista. Membro Pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA), Membro do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA). Supervisora e Coordenadora de Grupos de Estudos. Autora de artigos e capítulos de livros.

Moty Benyakar

Psicólogo, psiquiatra e doutor em Medicina e Psicologia. Professor e analista didata, é diretor da pós-graduação em Psicologia na USAL (Argentina) e presidente da Rede Ibero-Americana de Ecobioética da Cátedra Internacional de Bioética. Atuou em cenários de guerra e grandes desastres, com experiência clínica em contextos de sofrimento coletivo na América Latina, na Europa, na Ásia e no Oriente Médio. Recebeu o Prêmio Konex em 2016 e é membro honorário da Sociedade Mundial de Psiquiatria e da UNESCO.

Nicole Campagnolo

Médica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Psiquiatra psicoterapeuta pela Fundação Universitária Mário Martins (FUMM). Especialista pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP). Membro do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA). Supervisora, professora e coordenadora das reuniões clínicas da FUMM.

Nora Helena Pastori Steffen

Médica, psicanalista, formada pela Fundação Faculdade Católica de Medicina de Porto Alegre (atual UFCSPA). Formada em Psicoterapia

de Orientação Analítica pelo Contemporâneo Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade (CIPT). Formação Analítica pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA). Membro do Instituto de Psicanálise da SBPdePA, da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi), da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal) e da Federação Psicanalítica Internacional (IPA). Membro do corpo docente, supervisora e coordenadora de seminários do CIPT. Membro da Comissão de Divulgação da SBPdePA, gestão 2020-2021. Membro da Diretoria do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP), gestão 2022-2023. Diretora Geral de Ensino do CIPT, no período de 2021 a 2023.

Rosa Beatriz Santoro Squeff

Psicóloga e psicanalista, Membro Titular em Função Didática da SBPdePA. Membro da IPA, da Febrapsi e da Fepal. Diretora da Comunidade e Cultura da SBPdePA (2024-2025). Diretora de Publicação da SBPdePA (2020-2021). Fundadora e Presidente da Gaepsi (2023-2024). Coautora dos livros *Criando crianças: de 0 a 6 anos*; *Escuta analítica: inícios de uma prática*; *Estudos introdutórios à psicanálise*; *A psicanálise e o amor*.

Rosana Igor Rehfeld

Psicanalista, Membro Efetivo e Didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ). Membro convidada da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA). Especialista em Infância e Adolescência pelo Centro de Estudos Atendimento e Pesquisa da Infância e da Adolescência (CEAPIA).

Sandra Bulhões Cecilio

Psicanalista, Membro Efetiva com função didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG). Membro Fundador do Grupo Psicanalítico de Uberaba e Região (GPU). Vice-presidente

da SBPMG (2025-2027). Diretora Científica da SBPMG (2023-2025). Editora da *Revista Mineira de Psicanálise* (2021-2023). Licenciada em Matemática, Especialista em Matemática, Administração Universitária e Valores Humanos. Coordenadora de curso de licenciatura em Matemática (presencial e EAD). Professora de Cálculo Diferencial e Integral e Desenvolvimento Humano, entre outros conteúdos. Autora dos livros *Integrando e diferenciando Matemática e Psicanálise*; *Funções: principais conceitos*; *Cálculo Diferencial e Integral*; *Leila Bulhões: uma história de vida*, entre outros.

Sandra Paraíso Sampaio

Graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Especialista em Psicologia Clínica. Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE). Docente e Diretora Científica da SPRPE (biênio 2023-2024). Assessoria do Livro Anual de Psicanálise.

Silvia Varela Dian

Psicóloga e psicanalista membro do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA). Especialista em Psicoterapia da Infância e da Adolescência pelo Centro de Estudos Atendimento e Pesquisa da Infância e da Adolescência (CEAPIA). Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

Vera Elisabeth Hartmann

Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Especialista em Psicologia Clínica pela PUC-RS. Especialista em Psicologia Clínica pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP). Professora de Psicologia Clínica e Psicologia Geral no curso de Psicologia da Universidade de Passo Fundo (UPF-RS). Professora do curso de especialização em Psicoterapia Psicanalítica da UPF.

Presidente da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul (1994-1995). Especialista na relação mãe-bebê. Formação psicanalítica na Sociedade Psicanalítica de Pelotas – IPA. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Diretora de comunidade e cultura da SBPdePA (gestão 2022-2023).

Vlândia Zenkner Schmidt

Psicóloga e psicanalista. Membro do Instituto da SBPdePA. Membro egresso Itipoa – Psicanálise e Criatividade. Formação em Psicoterapia Psicanalítica pelo Instituto Abuchaim. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Formação em Psicoterapia Psicanalítica da Infância e adolescência pelo Itipoa. Coordenadora de seminário e supervisora Itipoa – Psicanálise e Criatividade. Organizadora e coautora do livro *Psicanálise e criatividade*.

Conteúdo

Prefácio	21
<i>Patricia Rivoire Menelli Goldfeld, Katya de Azevedo Araújo</i>	
1. Projeto de Ação Emergencial SBPdePA – Enchente – Rio Grande do Sul/Brasil – maio/2024	27
<i>Patricia Rivoire Menelli Goldfeld</i>	
2. Ação emergencial SBPdePA – Enchente 2024: atendimentos on-line	41
<i>Vera Elisabeth Hartmann</i>	
3. Catástrofe, trauma e acontecimento	51
<i>Julio Moreno</i>	
4. O Disruptivo e sua aplicação específica em situações de desastre e catástrofe	57
<i>Moty Benyakar</i>	
5. O traumatismo, de Freud a Ferenczi	103
<i>Cristina Lindenmeyer</i>	
6. Guardiões do silêncio	137
<i>Carmem Cabral Scherer</i>	

7. Uma história, muitos resgates: uma escuta psicanalítica
na enchente do Rio Grande do Sul 147
Aurinez Rospide Schmitz
8. O prenúncio de uma catástrofe... As águas de maio... 163
Nora Helena Pastori Steffen
9. Ecos oceânicos: um retorno a Thalassa 185
Gabriela Alves Morsch
10. A chuva que transborda rios e rompe diques psíquicos:
nas catástrofes naturais, o que pode a Psicanálise? 197
Augusta Gerchmann, Marcela Pohlmann
Morgana Mengue Saft Tarragó, Nicole Campagnolo
Silvia Varela Dian
11. Encontro clínico x encontro humano: a clínica
em situações-limite ou extremas 223
Astrid E. Müller Ribeiro
12. Dias de inundações 239
Christine Nunes
13. A chuva que cai, a casa que inunda e a mente
que transborda: a realidade externa se impõe 251
Katya de Azevedo Araújo
14. Num mundo de luz e sombras onde a percepção
é a realidade 261
Denise Haeberle
15. Notícias do imponderável: a escuta como contorno
psíquico a partir de rios transbordados 283
Leticia Casagrande
16. In-trauma: relato de uma experiência na catástrofe
do Rio Grande do Sul 303
Margareth Regadas

17. O método, a clínica e suas extensões: a psicanálise
de Fabio Herrmann e o dilúvio 311
Marta Maria Assumpção Rodrigues
18. Traumas: pequenos e grandes impactos que afetaram
os gaúchos na enchente de maio de 2024 325
Rosa Beatriz Santoro Squelf
19. Um episódio potencialmente traumático 337
Leonor Guiramand
20. O espectro em cena: abrigos revelação 349
Marta Meneghello Müller Stumpf
21. Cuidando do cuidador, cuidando de quem cuida 363
Christine Nunes, Heloisa Zimmermann
22. Integrando e diferenciando: tragédias e crescimento
tendo por ninho parcerias 377
Sandra Bulhões Cecilio
23. Henri, o bebê que ninguém via 385
Rosana Igor Rehfeld
24. E agora? Só temos dez dias 391
Aline Santos e Silva, Vlândia Zenkner Schmidt
25. Caso clínico: a esperança da emergência 399
Sandra Paraíso Sampaio
26. Vínculo e solidariedade: o grupo como pele diante
do trauma 411
Denise Zimpek Teixeira Pereira, Jeanete Suzana Negretto Sacchet
Lírion Scheuermann da Roza, Gaepsi, Maria Arleide da Silva

Prefácio

Patricia Rivoire Menelli Goldfeld

Katya de Azevedo Araújo

A psicanálise nos proporciona um instrumento de escuta e um método privilegiados para auxiliar aqueles que sofreram um trauma potencialmente disruptivo. A pessoa poder se escutar, poder falar sobre o que lhe aconteceu, tendo alguém que a acolha com calma, faz toda a diferença nesses momentos. Ser escutado, muitas vezes, é tudo o que uma pessoa precisa para não ficar paralisada, assoberbada pela intensidade da experiência e pela dor das perdas vivenciadas.

Este livro surgiu da necessidade de deixar registrado, para auxiliar em futuros eventos, o relato da experiência vivida durante os meses da enchente de 2024 no estado do Rio Grande do Sul pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA). Foi um período catastrófico, pois todos estávamos sofrendo as consequências da enchente, mesmo aqueles que não estavam alagados se encontravam com falta de água e luz. Sofríamos também assistindo àquela calamidade acontecendo à nossa volta. Como Puget aborda em seus “mundos superpostos”, os analistas estavam sofrendo as consequências dos mesmos eventos que os analisandos.

Todos que puderam se mobilizaram, saindo a auxiliar em abrigos, selecionando roupas e materiais para doação, preparando marmitas

a todos os desabrigados. A SBPdePA já havia se mobilizado, prestando atendimento gratuito emergencial durante a epidemia de Covid-19, em 2020, depois também agiu na enchente de setembro de 2023. A di-retoria da sociedade foi rápida em se mobilizar. Resolvemos auxiliar as iniciativas individuais, centralizando-as em grupos de WhatsApp. Criamos dois grupos de atendimento: um presencial nos abrigos e um de atendimentos online.

Inicialmente, as combinações foram por mensagens, e logo pas-samos a marcar reuniões por Zoom para organizar os atendimentos e discutir intervenções e dúvidas, baseando-nos na Escuta da Escuta de Faimberg. Por meio de divulgação na mídia e entre colegas, os pacientes online chegaram em grande número para atendimento. Psicoterapeutas de inúmeros estados do país se uniram ao projeto da SBPdePA, numa atitude de solidariedade e generosidade tocante. A psicanalista Vera Hartmann, da sociedade, se colocou à disposição para centralizar os encaminhamentos, de modo a garantir a segu-rança de que todos fossem atendidos, e rapidamente, o que de fato aconteceu.

A colega Christine Nunes, membro convidada da SBPdePA e membro da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), apor-tou-nos um documento do Comitê de Assistência à Psicanalistas em Crises e Emergências (PACE) da Associação Psicanalítica Internatio-nal (IPA) que orientava sobre os cuidados com o cuidador. Também a partir da colega Christine tivemos acesso ao PACE e começamos a fazer encontros clínicos mensais com Monica Cardenal, membro didata da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA) e chair do PACE, bem como com Gianna Williams, da Sociedade Britânica de Psicanálise (BPS).

Os aportes teóricos vieram de várias categorias. Dentre eles, a di-retoria do Instituto da SBPdePA organizou o Seminário Aberto sobre Trauma, com Julio Moreno, Moty Benyakar e Yolanda Gampel. Fo-mos incentivados a escrever por Monica Cardenal, pois na literatura

científica existem poucos relatos de atendimento nesse tipo de catástrofe de enchente. Trata-se também de uma vivência nova com o uso da escuta psicanalítica em grande escala numa tragédia. O Projeto de Ação Emergencial da SBPdePA Enchente 2024 foi reconhecido pela IPA, que lhe conferiu em 2025 o Primeiro Prêmio IPA na Comunidade e no Mundo, na categoria Clima, fato esse que nos honra imensamente pela originalidade do prêmio, sendo o primeiro nessa temática.

A descrição do projeto emergencial consta no artigo que inicia este livro, onde descrevemos as diversas etapas de desenvolvimento da ação emergencial e apresentamos alguns dados epidemiológicos encontrados numa amostra de pessoas atendidas. Os conteúdos aportados por Moreno e Benyakar em suas conferências estão aqui nesta obra, que também contém um artigo de Cristina Lindenmeyer sobre as bases freudianas do trauma. Christine Nunes e Heloisa Zimmermann escrevem sobre os cuidados que se deve ter com o cuidador em atendimentos de crise. Os demais artigos são relatos de casos, em que houve o cuidado de manter a confidencialidade dos dados para não identificar os atendidos.

O psicanalista Facundo Blestcher aporta alguns conceitos que consideramos importantes. Ele refere que ainda há alguns setores do movimento psicanalítico ou alguns psicanalistas que de algum modo pretendem que a prática psicanalítica se desdobre de forma independente da história, digamos, de uma perspectiva que se quer mais universal, mais neutra, mais afastada dos fenômenos histórico-sociais e políticos, sendo claro que isso envolve posições que também são posições ideológicas. Por outro lado, outros setores da psicanálise, principalmente na América Latina – entre os quais ele se inclui –, cada vez têm uma inclinação maior a pensar a psicanálise inserida nas transformações históricas e respondendo de algum modo à sua historicidade.

Nesse sentido, segundo Facundo, há posicionamentos pessoais e institucionais muito diferentes: em alguns casos, mais dogmáticos, mais puristas, aspirando a uma espécie de prática psicanalítica mais asséptica; e outros psicanalistas e outras instituições, entre os quais ele se inclui, que estão mais inclinados a pensar que a psicanálise precisa se inserir em seu contexto histórico porque, de alguma maneira, a neutralidade, como em dado momento foi proposta, é absolutamente ilusória. Como dizia a psicanalista Marie Langer, a realidade social sempre ingressa na clínica psicanalítica, sempre entra no consultório do lado dos analisandos, mas também do lado dos analistas. Assim, Blestcher considera que nós, psicanalistas, temos muito a construir para recuperar a dimensão política da psicanálise, que não tem a ver com adesão partidária a determinados tipos de posicionamento social, mas com o pensar dos analistas. Castoriadis menciona que a psicanálise é inerentemente política porque participa do magma das significações sociais, visto que seu discurso e sua prática têm incidência claramente social, pois esta também transmite uma ética, um modo de fazer laço, um modo de se posicionar frente ao outro como semelhante e, nesse sentido, como toda praxe, não pode ser apolítica.

Para Facundo, além disso, nas últimas décadas vem ocorrendo uma transformação muito importante na psicanálise, nas psicanálises, no plural, sendo exigida essa transformação principalmente pelas transformações que vêm acontecendo nas subjetividades, nas sociedades, no plano histórico-político, de uma maneira cada vez mais acelerada. Por isso, ele celebra que essa prática se submeta à crítica, à revisão, também à produção e à criação de novas concepções a partir de novas conceitualizações, porque ele considera que isso é o que mantém esse método vivo e com capacidade de transformar as modalidades do padecimento humano.

Para concluir, pensamos, como Blestcher, que é importante transmitir, acolher, convidar e convocar a abrir espaços para que as gerações mais jovens também tenham lugar nas instituições e sintam

a importância da formação, do pertencimento, do compromisso coletivo. E isso, é claro, também afeta a transmissão psicanalítica. Nas instituições, esta está sendo repensada justamente para que possa responder de maneira mais adequada às exigências do presente, possa ser mais ampla, possa oferecer também ferramentas para intervenções em diferentes contextos, além de proporcionar estudos clássicos de metapsicologia, de psicopatologia, de clínica, de autores ou de história da psicanálise, promovendo uma leitura contemporânea. A preocupação em manter os fundamentos psicanalíticos se faz presente e necessária. Ventilar as demandas culturais e sociais sustentando a psicanálise extra muros e rompendo o setting do consultório, sendo atuante e presente numa sociedade necessitada, este é o compromisso da psicanálise dos dias atuais.

1. Projeto de Ação Emergencial SBPdePA – Enchente – Rio Grande do Sul/Brasil – maio/2024¹

Patricia Rivoire Menelli Goldfeld

Comissão do projeto

Coordenação: Patricia Rivoire Menelli Goldfeld

Vice-coordenação: Vera Elisabeth Hartmann

Contato com o PACE: Christine Nunes

Componentes: Denise Zimpek Teixeira Pereira, Tamara Barcellos Jansen Ferreira, Rosa Beatriz Santoro Squeff, Janine Maria de Oliveira Severo, Mara Loeni Horta Barbosa, Heloisa Zimmermann, José Ricardo Pinto de Abreu, Katya de Azevedo Araújo, Nora Helena Pastori Steffen, Aurinez Rospide Schmitz, Gabriela Alves Morsch, Carmem Cabral Scherer e Ane Marlise Port Rodrigues

Apresentação

Como amplamente divulgado na mídia mundial, no final de abril de 2024, um grande volume de chuvas atingiu fortemente a quase

¹ Agradecemos a psicanalista Ane Marlise Port Rodrigues por seu auxílio e orientação durante as etapas da Ação Emergencial SBPdePA Enchente 2024.

totalidade do território do Rio Grande do Sul/Brasil, afetando mais de 96% das cidades gaúchas (478 dos 497 municípios, segundo a Defesa Civil do estado (8/7/2024), com 182 pessoas mortas, 31 desaparecidas, 806 feridas e mais de 650 mil fora de suas casas (55 mil em abrigos). Um total de 2.398.255 pessoas foram afetadas pelo pior desastre climático da história do Rio Grande do Sul. Foram resgatados 12.497 animais, tornando-se o cavalo Caramelo, que resistiu sobre um telhado cercado de água por quatro dias, um símbolo de resistência e luta pela sobrevivência.

As chuvas intensas provocaram uma série de fenômenos, como enchentes, inundações, alagamentos, deslizamentos de morros e encostas, e até mesmo tremores de terra, na cidade de Caxias, na serra gaúcha. A catástrofe climática, que assolou inicialmente as cidades do Vale do Rio Taquari, trouxe a fúria das águas de outros rios também, chegando ao lago Guaíba, inundando Canoas, Porto Alegre, Eldorado do Sul, Guaíba, São Leopoldo e outras cidades, deixando em sua passagem um cenário devastador. O vento Sul, represando a saída da água da Lagoa dos Patos para o Oceano Atlântico, trazia mais apreensão quanto à diminuição ou não dos níveis da água. Passamos a torcer por cada centímetro a menos do nível do Guaíba. Estávamos presenciando a maior enchente da história do Rio Grande do Sul. Juntamente com a dor, o imenso sofrimento pelas perdas materiais e simbólicas e os lutos em andamento, já se movimenta na sociedade gaúcha uma indignação pela falta de manutenção e investimentos nas estruturas de contenção das águas em Porto Alegre e responsabilizações começaram a ser apuradas. Os negacionistas climáticos não percebem nossa dependência total ao ambiente onde vivemos e nossa interdependência uns com os outros. Desastres dessa natureza expõem nossa fragilidade social, as desigualdades, o racismo ambiental e as falhas nas políticas de prevenção e de resgate de vítimas.

Benyakar (2003/6) propõe o conceito de *disruptivo* como um modelo teórico-clínico para a abordagem dos fenômenos traumáticos.

Descreve o *traumático* como “conceito baseado no fato traumático e que mascara as diferenças das subjetividades individuais, uniformizando os efeitos de um evento disruptivo em uma população afetada”. Diferencia as situações fáticas (o fato ocorrido) dos fenômenos psíquicos, onde o fático adquire sua qualidade específica através do efeito que produz em cada indivíduo. Para ele, *disruptivo* é todo evento ou situação com capacidade de irromper no psiquismo e produzir reações que alterem sua capacidade integradora e de elaboração. Mas nem todo evento disruptivo vai gerar um trauma no indivíduo. O trauma diz respeito a um excesso que fere e rompe a barreira protetora de estímulos, com descargas no ato, na soma e na compulsão à repetição, como nos sonhos traumáticos, na transferência e nas relações em geral.

Com o objetivo de auxiliar as pessoas atingidas e os profissionais que atuavam no resgate das vítimas e no cuidado e atendimento das mesmas, a Diretoria da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), gestão 2024/2025, profundamente sensibilizada e reconhecendo sua responsabilidade junto à comunidade gaúcha, desenvolveu um *Projeto de Ação Emergencial* para o atendimento gratuito para as vítimas dessa catástrofe, bem como aos profissionais e voluntários civis que cuidavam das vítimas. Desde o início dos trágicos acontecimentos, todo o grupo institucional apoiou essa ação. O Projeto é constituído por duas linhas de ação: o atendimento on-line e o atendimento presencial em abrigos de resgatados e desalojados de suas moradias.

A ideia foi baseada em duas experiências semelhantes vivenciadas na Pandemia de Covid-19, em 2020 e 2021, e na enchente de 2023, quando a SBPdePA realizou atendimentos gratuitos on-line. As experiências anteriores foram de fundamental importância pois revelaram uma enorme demanda por escuta analítica, quando acessível às pessoas de baixa renda, e o grande potencial das instituições psicanalíticas para o trabalho junto à comunidade. Um número expressivo de colegas psicanalistas participou e referiu ter sido uma experiência

muito enriquecedora, tanto para a pessoa atendida quanto para o/a psicanalista.

O Projeto atual expandiu-se em relação aos anteriores, passando a contar com psicanalistas e psicólogos de vários estados do país. Ao tomarem conhecimento da *Ação Emergencial*, procuraram a SBPdePA para somar-se aos colegas já engajados, contabilizando um total de cento e setenta e quatro (174) profissionais atuando no atendimento on-line. Ficou definido que o atendimento seria breve, com 4 a 8 sessões gratuitas, e que isso ficaria estabelecido com a pessoa atendida, no início do atendimento. Caso fosse necessário atendimento psiquiátrico, este seria encaminhado. Após o término do atendimento emergencial, sendo necessária terapia, o paciente seria encaminhado ou faria um novo contrato com o terapeuta. Até julho de 2024, mais de 250 pessoas já haviam se beneficiado desse serviço. O atendimento presencial em abrigos contou com 42 colegas e ocorreu em 14 abrigos, logo após a instalação dos primeiros abrigos na cidade de Porto Alegre.

Com o objetivo de conhecermos a população atendida, foi solicitado aos dois grupos de terapeutas que preenchessem duas fichas, uma no primeiro atendimento e uma na conclusão dos encontros com o atendido. No total tivemos 59 fichas iniciais e 37 fichas de encerramento. As características da amostra estão descritas mais adiante neste artigo.

Desde o início da Ação foram realizadas reuniões regulares com os profissionais dos dois grupos, visando proporcionar uma escuta da escuta. O método escuta da escuta, de Haydée Faimberg (2002/2010), permite não só escutar o paciente, mas também os supostos básicos dos terapeutas. Com o passar dos dias e o aprofundamento da crise provocada pela enchente, a demanda cresceu e solicitamos apoio do PACE/IPA.

O PACE (Assistência Psicanalítica em Crises e Emergências) é um Comitê da IPA, criado em 2021, na gestão de Virginia Ungar, que oferece grupos de discussão do trabalho realizado para profissionais que

atendem populações afetadas por catástrofes e guerras. O método de intervenção utilizado é o de Work Discussion Group, uma abordagem original e aplicável projetada e consolidada na Clínica Tavistock.

Também contamos com o apoio do SOS Brasil/FEBRAPSI que, prontamente, apresentou-se para colaborar com seus cinco eixos de atuação (bebês, crianças, adolescentes, adultos envolvidos, instituições), dando supervisão em grupos/ateliês. Acreditamos que passado o período de sobrevivência e retomada, teremos uma procura maior para atendimentos. Somos muito gratos a todos colegas que imediatamente colocaram-se à disposição para esse esforço terapêutico emergencial.

Método de funcionamento do projeto

Não se encontram muitos trabalhos na literatura científica sobre experiências disruptivas em casos de enchentes. Entre os artigos revisados, destacamos: Rangell (1976) – “Discussion of the Buffalo Creek Disaster”, cuja ênfase é psiquiátrica; Bromberg (2013) – “Shrinking the Tsunami”, baseia-se na teoria de que o trauma promove uma desregulação afetiva e a terapia envolve um apoio interrelacional com técnicas para restabelecer a estabilidade emocional; Benveniste (2019) – “Crisis Interventions After Major Disaster” e Benveniste (2019) – “Stories of the Flood”. Nestes dois importantes trabalhos a ênfase foi relatar histórias da enchente que ocorreu na Venezuela em 1999, que matou de 10.000 a 30.000 pessoas, além de estabelecer critérios para intervenções em crises e recomendações de cuidados aos profissionais que atuam nessas emergências.

Freud, em *Esboço de Psicanálise* (1938/1940), quando compara a pulsão com os estímulos externos, afirma que ambos são capazes, ao serem excessivos, de destruir a organização estrutural e dinâmica característica do Eu, e transformá-lo, novamente, em uma parte do Isso. A fragilização do Eu e de seus mecanismos de defesa habituais pode ativar as áreas psicóticas da personalidade e agravar ou criar sintomas incapacitantes.

Em se tratando de um atendimento que foge da nossa prática habitual de consultório, requer que pensemos na especificidade da escuta analítica frente a uma crise de tamanha magnitude. Dar continência à dor da pessoa que sofreu o trauma recente, receber suas palavras e sentimentos, colocar em movimento o processar subjetivo do disruptivo e do traumatismo, vai ajudando a retomar uma organização psíquica possível para aquele momento ou mais próxima da organização anterior à tragédia. Esse tipo de intervenção pode ser de imensa ajuda para que a pessoa siga adiante e retome sua vida. Quem sofreu o fato disruptivo pode sentir-se mais seguro para enfrentar o que virá pela frente, como a reconstrução de sua vida e o processamento das perdas de entes queridos ou de bens materiais e simbólicos, não se configurando como trauma psíquico. Assim, tendo nosso testemunho, cria mais espaços para refletir sobre os acontecimentos e se conecta com os seus sentimentos dolorosos. Até aqui seria semelhante ao nosso trabalho habitual em situações estáveis.

No entanto, não buscamos acessar os traumas do passado e não interpretamos a transferência. Poderíamos pensar numa transferência sobre um enquadre dado pelo fato de a escuta analítica emergir a partir de um enquadre interno do psicanalista? Ou também uma transferência sobre as palavras que carregam sentidos e significantes? Chamamos esse trabalho de atendimento de crise, que é breve (em geral, com quatro sessões), podendo ser estendido para oito sessões. O indivíduo pode fazer uma sessão e sentir-se ajudado. O objetivo não é a criação de vínculo ou o encaminhamento para tratamento psicanalítico. Caso a pessoa sinta que deve seguir com outros profissionais da saúde, ou com medicamentos, depois do nosso auxílio, poderá ser encaminhada. Por vezes, o colega segue com o assistido fazendo um novo contrato de tratamento, já fora do *Projeto de Ação Emergencial*.

No caso dos atendimentos on-line, escolhemos divulgar apenas um número de telefone para centralizar os encaminhamentos e não

ocorrer demora nos atendimentos. A colega Vera Hartmann encarregou-se dessa tarefa e tem realizado um trabalho minucioso de acolhimento e distribuição dos casos, acompanhando cada passo do processo até a confirmação de que o paciente estava sendo atendido com o mínimo de demora.

No atendimento presencial em abrigos, os colegas foram se familiarizando com os abrigos e interagindo no sentido de oferecer uma escuta às pessoas atingidas pelas águas e aos profissionais do resgate. A coordenação do Projeto Emergencial buscou realizar contatos com os administradores responsáveis destes abrigos para auxiliar na recepção aos profissionais.

O Projeto realiza reuniões on-line, em intervalos regulares, com os colegas que estão prestando os atendimentos para a troca de experiências e de vivências. Nesses encontros são discutidos os casos e seus encaminhamentos, se necessário. Encontramos uma certa semelhança com o método Esther Bick da *Observação da Relação Mãe Bebê*, onde depois da observação realizada pelo observador individual, é fundamental o trabalho em grupo para o processamento e elaboração do que foi observado e sentido.

Palestras e conferências foram organizadas pela sociedade para proporcionar escopo teórico e espaço para debate e compartilhamento do vivido. O Instituto de Psicanálise organizou quatro encontros: dois com Moty Benyakar (APA), um com Yolanda Gampel (IPS) e o último com Julio Moreno (APdeBA). O CAP (Centro de Atendimento Psicanalítico da SBPdePA) organizou dois encontros sobre trauma, sendo um deles com o psiquiatra José Toufic Thomé de São Paulo (especialista em intervenções em situações de crise).

Aos voluntários que resgatavam pessoas das águas, algumas já sem vida, o atendimento seria importante pelo potencial traumático do contato excessivo com pessoas em situação muito vulnerável e traumatizadas pela vivência de perder tudo ou de risco de morrer.

O atendimento on-line, herança da pandemia, pode ajudar muitas pessoas, seja individualmente ou em grupos. É importante que haja horas de descanso e a restrição da exposição constante ao sofrimento do semelhante para os voluntários que realizaram muitos resgates.

Entre os problemas encontrados nos atendimentos, temos crises de ansiedade, pânico e depressão. Muitas vezes, esses acontecimentos que surgem de forma abrupta e violenta na vida das pessoas não podem ser processados, dada a intensidade traumática. Na hora de sua ocorrência, a primeira preocupação é salvar a própria vida e das pessoas queridas. Quando as vítimas chegam aos abrigos, começam a processar tudo o que aconteceu, estão longe de casa, do seu espaço e lar, perdem a privacidade e a dignidade de ter um lugar seu para morar e viver. Em Porto Alegre, ocorreu que facções criminosas rivais que se encontraram dentro do mesmo abrigo entraram em conflito. Assim como temos parte da população exposta a essas violências no seu cotidiano, temos também pessoas que não viviam nesses locais de violência endêmica e começam a presenciá-la, temendo mais uma vez por suas vidas. Então, as pessoas são afetadas de várias formas. Têm-se nos abrigos um microcosmo das crônicas mazelas brasileiras de violência do tráfico de drogas, do abuso sexual e do estupro. Também crianças e adolescentes do espectro autista, ou com necessidades especiais, entravam em grande angústia com a perda de suas rotinas e do espaço familiar.

Tivemos, até julho/2024, três encontros com colegas do PACE, que muito auxiliaram na compreensão dos estados traumáticos vivenciados pelas pessoas atendidas e de nossos sentimentos contra-transferenciais. Mônica Cardenal (APdeBA) e Silvia de Egea (APdeA) coordenaram o primeiro encontro. O segundo encontro foi com Gianna Williams (SPB e Clínica Tavistock) e o terceiro com Ricardo Read (SPB). Combinou-se um seguimento de encontros mensais com Monica Cardenal e Silvia de Egea.

Temos a expectativa de que se possa aprender algo com a experiência de tamanho sofrimento, dor e perdas. Que possamos enquanto país escutar o que a natureza nos diz sobre a maneira como estamos nos relacionando com ela, sendo explorada e invadida de forma desrespeitosa e irresponsável. Que nossos representantes políticos sejam mais sensíveis aos problemas ambientais e ao sofrimento das pessoas do que às pressões do mercado imobiliário e do agronegócio. Que as águas se acalmem e que a chuva não fique com a marca da angústia climática!

Características da população e achados da pesquisa

O grupo organizador do *Projeto de Ação Emergencial* solicitou aos psicanalistas e psicólogos envolvidos que respondessem a uma ficha on-line do atendimento inicial e uma ficha de encerramento dos atendimentos. Todo trabalho foi realizado de forma voluntária e gratuita, de modo que dependia da disponibilidade de tempo e possibilidades dos profissionais, que generosamente se dispuseram a participar. Ao todo foram recebidas cinquenta e nove (59) fichas de atendimento e trinta e sete (37) de encerramento. Esse processo nos possibilitou conhecer uma considerável amostra da população atendida e dos sentimentos contratransferenciais despertados nos terapeutas.

A grande maioria das pessoas atendidas foram mulheres, sendo contabilizado o número de cinquenta (50) mulheres cisgêneros (84,74%), uma (1) mulher transgênero (1,69%) e oito (8) homens cisgêneros (13,55%). As idades das mulheres variaram entre dezoito (18) e oitenta e um (81) anos, com a média de quarenta e um anos (41) anos. As idades dos homens variaram entre nove (9) a sessenta (60) anos, com a média em vinte e seis anos e meio (26,5).

O nível de escolaridade nas mulheres da amostra se apresentou da seguinte forma: uma (1) analfabeta (2,17%), nove (9) com ensino fundamental (19,56%), dezesseis (16) com ensino médio (34,78%),

dezoito (18) com ensino superior (39,13%) e duas (2) com pós-graduação (4,35%). Entre os homens que procuraram atendimento, temos cinco (5) adultos com nível superior (100%) e três (3) adolescentes estudantes (100%). As profissões foram as mais variadas. Entre as mulheres encontramos secretárias, advogadas, arquitetas, cozinheiras, operadoras de telemarketing, gerentes comerciais, operárias, publicitárias, turismólogas, auxiliares de serviços gerais e esteticistas.

Do total de 59 pessoas atendidas, cujo atendimento foi registrado, encontramos 36 que tiveram a casa alagada com inúmeras perdas (81,8%), quatro que trabalhavam no resgate e quatro (9,09%) que buscaram atendimento por outros motivos.

Os motivos emocionais pela busca do atendimento variaram dentro do seguinte espectro: dificuldade de verbalizar sentimentos, angústia, pânico, insônia, medo, desesperança, sentimentos de vazio, de impotência, de tristeza, desânimo, ansiedade, choro compulsivo, reedições de traumas antigos, conflitos com familiares devido a mudanças para a casa dos mesmos, medo de morrer na espera de resgate, vontade de morrer, medo de assaltos por gangues, crises agressivas verbais e impaciência.

Os sentimentos contratransferenciais predominantes nos terapeutas foram: “sentimento de tranquilidade, apesar do momento difícil”; retorno de lembranças de infância, onde a casa da terapeuta foi alagada; inquietude, medo de suicídio da paciente, vontade de acolher tanto desamparo; alto grau de ansiedade, rememoração de lutos não bem elaborados na terapeuta; “sentimento de culpa por não ter sido alagada, depois desconfiança de ganho secundário e por último pena”; angústia profunda; confusão, ternura, medo; preocupação; profunda empatia e empenho em ajudar, seguido de cefaléia após o contato; “eu era essa mãe forte que fazia suas funções primárias, em cujo colo ela podia depositar seus pedaços para se reconstruir”; sentimento de confusão; empatia e vontade de ajudar; angústia, sentimento de impotência, tristeza, frustração e raiva;

empatia; “tristeza, comoção, algo de maternal”; conexão com a dor e profundo desamparo.

Os atendimentos variaram entre uma a oito sessões, sendo quatro sessões o número predominante. Do total de pessoas atendidas, 37% foram encaminhadas a serviços de atendimento após o final desse suporte inicial.

A grande maioria dos terapeutas considerou que foi importante, e em alguns casos, essencial, a vivência da escuta e a oportunidade para se sentir e se escutar, a essas pessoas que passam pelas perdas e experiências da enchente.

Conclusões

Foi um naufrágio que levou Caroline Garland e outros 5 psicanalistas, recém-qualificados na Clínica Tavistock, a pensar em direcionar essa nova expertise no campo da saúde mental, para ser colocada em prática tanto fora quanto dentro da sala de análise. Esse grupo decidiu atuar no naufrágio da balsa *Herald of Free Enterprise* (1986), na costa da Bélgica, com a perda em circunstâncias terríveis de centenas de vidas. O resultado desta experiência foi a criação da Unidade para o Estudo do Trauma e suas Consequências (1986), na Clínica Tavistock, como Garland nos relata, na Introdução do livro *Understanding Trauma*, onde vários psicanalistas descrevem os primeiros resultados dos trabalhos da Unidade.

A formação do psicanalista, seguindo os preceitos da IPA, é baseada no tripé: análise pessoal, seminários e supervisão. Para além disso, como nos alerta Rodrigues (2006), é fundamental aos psicanalistas considerarem a importância do quarto eixo da formação psicanalítica na construção da identidade do psicanalista formado por cada sociedade. Esse eixo diz respeito às vivências institucionais, às trocas científicas e afetivas, a teorias e autores estudados, e ao convívio entre colegas. Também reconhecemos um quinto eixo a ser

considerado na formação psicanalítica, como nos alerta Trachtenberg (2013), que se trata do atendimento à comunidade, o envolvimento da psicanálise para fora dos consultórios e que leva em conta demandas sociais. Um exemplo da integração entre os cinco eixos pode ser encontrado no Projeto Ubuntu da SBPdePA (Programa de Bolsas Formação Psicanalítica do Instituto de Psicanálise da SBPdePA para Profissionais Negros, Negras e Indígenas das áreas de Psicologia e Medicina). Esse Projeto foi premiado no 53º Congresso da IPA em Cartagena (2023).

O trauma, quando muito arrasador, pode gerar traumatização vicária não só nas pessoas diretamente atingidas, mas também nos profissionais que atendem os indivíduos traumatizados. Com este livro esperamos trazer nossa contribuição aos poucos estudos psicanalíticos sobre traumas gerados em situações de inundações.

Referências

- Benveniste, D. S. (2019). *Crisis interventions after major disaster*.
- Benveniste, D. S. (2019). *Stories of the flood*.
- Benyakar, Moty (2006). *Lo disruptivo: amenazas individuales y colectivas – el psiquismo ante guerras, terrorismos y catástrofes sociales*. 2. ed. Biblos.
- Bick, E. (1964). Notes on infant observation in psycho-analytic training. *International Journal of Psychoanalysis* 45:558-566.
- Bick, E. (1986/2002). Further considerations on the function of the skin in early object relations. In Briggs, A.; Meltzer, D. (eds.). *Surviving space: papers on infant observation*. Karnac Books, pp. 60-71.
- Bromberg, P. M. (2008). Shrinking the tsunami, *Contemporary Psychoanalysis*, 44:3, 329-350.

- Defesa Civil do RS (08/07/2024): <https://www.defesacivil.rs.gov.br/defesa-civil-atualiza-balanco-das-enchentes-no-rs-08-7>
- Faimberg, Haydée (2010). Método “La escucha de la escucha”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 44, n. 3.
- Freud, S. *Esboço de psicanálise* (1938/40). Obras Completas, Imago.
- Garland, C. *Understanding trauma: a psychoanalytical approach*. Introduction. The Tavistock Clinic Series, 2. ed., Karnac, 1998/2007, p. 3.
- Rangell, Leo (1976). Discussion of the Buffalo Creek Disaster: the course of psychic trauma. *Am J Psychiatry* 133:3, March, 1976.
- Readi, Ricardo (2023). Work discussion for community mental health, *The International Journal of Psychoanalysis*, 104:3, 490-508.
- Rodrigues, A. M. P.; Klöchner, L. M. S.; Puiatti, R. I.; Skowronsky, S. B. (2006). O candidato e a instituição psicanalítica: um quarto eixo na formação psicanalítica? *Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, v. 9, n. 1, p. 47-75, 2007.
- Trachtenberg, A. R. C. A psicanálise na África do Sul. *Jornal da SBPdePA*, vol. 17, n. 2, pp. 7-8, dez./2013 (Tema: A psicanálise extra-muros).



Em 2024, o Rio Grande do Sul foi surpreendido por uma catástrofe climática que mudou significativamente a vida dos gaúchos. Grande parte da população do estado perdeu suas casas, inundadas, e teve de sair o mais rápido possível, deixando todos os bens e priorizando a própria sobrevivência e a de seus familiares. Porto Alegre, a capital, ficou sitiada, sem luz e sem água, com apenas uma via colateral de entrada e saída. A mobilização e o auxílio vieram de inúmeros pontos do país, e o Brasil inteiro se solidarizou.

A Diretoria da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, desde o início dos trágicos acontecimentos, profundamente sensibilizada e reconhecendo sua responsabilidade junto à comunidade gaúcha, desenvolveu um Projeto de Ação Emergencial para o atendimento gratuito das vítimas da catástrofe, bem como de profissionais e voluntários civis que cuidavam das vítimas. O Projeto foi rapidamente incorporado por colegas psicólogos e psiquiatras de todo o Brasil, que gentilmente abriram sua agenda para proporcionar sua escuta especializada. O desenvolvimento e os resultados desse trabalho foram relatados neste livro.

Desejamos que esta obra possa representar uma contribuição à sociedade, aos profissionais e principalmente às vítimas dessa catástrofe e que seja um estímulo a novas escritas. *Cidades alagadas, mentes inundadas* veio como um convite a estudarmos com mais profundidade o trauma imposto e suas consequências psíquicas em cada um de nós. Boa leitura!

As organizadoras

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2634-5



9

7 8 8 5 2 1 2 2 6 3 4 5



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Cidades alagadas, mentes inundadas

Patricia Rivoire Menelli Goldfeld, Katya de Azevedo Araújo (Org.)

ISBN: 9788521226345

Páginas: 424

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
